

POR UMA CONCEPÇÃO CRÍTICA DE INFÂNCIA
UNA CONCEPCIÓN CRÍTICA DE LA INFANCIA
FOR A CRITICAL CONCEPTION OF CHILDHOOD

Marcelo Santana Ferreira

Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

RESUMO

O presente artigo se volta ao estudo de parte da obra de Walter Benjamin dedicada à problematização filosófica e política da infância, com o intuito de contribuir para o aprofundamento de discussões no campo da Psicologia a respeito do conceito de infância e seu caráter histórico. Walter Benjamin pode ser considerado um importante interlocutor para indagações críticas em Psicologia em torno da infância e da relação dialógica entre crianças e adultos. Após sugerir a fecundidade da aproximação, o artigo se volta à caracterização de Walter Benjamin acerca da experiência da infância, um dos aspectos mais significativos de seu esforço teórico e político de elaboração de um conceito de história materialista, atenta aos apelos dos vencidos e ao inacabamento do passado.

Palavras-chave: psicologia; filosofia; infância; história; Walter Benjamin.

RESUMEN

El presente artículo se vuelve al estudio de la parte de la obra de Walter Benjamin dedicada al cuestionamiento filosófico y político de la infancia, con el objetivo de contribuir en la profundización de las discusiones en el campo de la psicología con respecto al concepto de la infancia y su carácter histórico. Walter Benjamin puede ser considerado un interlocutor importante para cuestiones críticas en Psicología alrededor de la infancia y la relación dialógica entre niños y adultos. Después de sugerir la fecundidad del enfoque, el artículo se vuelve a la caracterización de Walter Benjamin sobre la experiencia de la infancia, uno de los aspectos más significativos de su esfuerzo teórico y político para elaborar un concepto de historia materialista, atenta al llamamiento de los vencidos y al inacabamento del pasado.

Palabras claves: psicología; filosofía; infancia; historia; Walter Benjamin.

ABSTRACT

This paper is about part of the work by Walter Benjamin devoted to philosophical and political questioning of childhood, with the aim of contributing to the deepening of discussions in the Psychology field on the concept of childhood, as well as its historic sense. Walter Benjamin can be considered an important interlocutor for critical inquiry in the Psychology around children and their dialogical relationship with adults. After pointing the fruitfulness of proximity, we turn to Walter Benjamin's characterization of childhood experience, one of the most important aspects of his theoretical and political effort to elaborate a materialist concept of history, mindful to the appeals of the defeated, and also to the incompleteness of their pasts.

Keywords: psychology; philosophy; childhood; history; Walter Benjamin.

E o velho deu entendimento: criancice é como amor, não se desempenha sozinha. Faltava aos pais serem filhos, juntarem-se miúdos com o miúdo. Faltava aceitarem despir a idade, desobedecer ao tempo, esquivar-se do corpo e do juízo. Esse é o milagre que um filho oferece – nascermos em outras vidas. E mais nada falou. (Couto, 2009, pp. 113-114)

Introdução

A psicologia do desenvolvimento é um dos campos investigativos que herdaram a concepção histórico-social de que a infância seja uma fase da nossa existência, a que se atribuem características que ganham complexidade de forma evolutiva. Phillipe Ariès (1981), em seu célebre livro *História Social da Criança e da Família*, já nos havia apontado a importância da formação da sensibilidade burguesa em torno do corpo infantil, em traços históricos que identificam a formação do contexto moderno, que se direcionam à emergência do colégio como espaço-tempo de objetivação da experiência infantil, sobre a qual se debruçam pedagogos modernos e psicólogos do desenvolvimento, apresentando-nos uma imagem do processo evolutivo do espírito humano. Hoje, somos marcados pelo modelo investigativo forjado pela aliança entre psicologia e pedagogia modernas em relação ao modo como lidamos com as crianças, como as educamos e as interpretamos. Colin Heywood (2004) apresenta uma posição divergente em relação à pesquisa de Ariès, mas reconhece o seu caráter seminal em estudos sobre a infância e complexifica o campo de estudos sobre o tema, ao introduzir sua própria pesquisa com fontes documentais e iconografias que não coincidem com o material utilizado por Ariès e nem muito menos com seu modelo interpretativo. Sem nos restringirmos às polêmicas nos estudos a respeito da infância, podemos contribuir com uma ampliação do seu alcance no campo da Psicologia, área de estudos onde se reconhecem importantes efeitos da concepção de Ariès (Heywood, 2004, p. 24).

Encontramos no amplo projeto teórico do pensador Walter Benjamin relevantes elementos teóricos que nos auxiliam a superar a imagem moderna das crianças e a consequente concepção de infância. Com as questões colocadas pelas sociedades contemporâneas em torno da relação entre as gerações e, conseqüentemente, sobre a função da educação em um mundo marcado por grandes avanços tecnológicos e a radicalização do fosso entre os pais e os seus filhos, é pertinente estabelecer diálogos com pensadores que nos auxiliem na problematização da imagem que forjamos de determinados objetos e experiências. No

caso da infância, é evidente que a conceitualização psicológica e pedagógica não pode se eximir de fazer uma análise de sua atualidade, de sua relevância e de seu estatuto político. Em Walter Benjamin (1987/1993), encontramos uma abordagem idiossincrática da infância, ampliando consideravelmente nosso campo problemático. Infância, para Walter Benjamin, não é somente uma etapa da vida nem muito menos uma experiência esvaziada de sentido histórico. De acordo com o pensador, a infância é uma oportunidade de defesa de uma concepção de tempo não subtraída aos interesses hegemônicos, evidentemente burgueses. Infância, experiência definitivamente perdida para os adultos que reconhecem a validade política de uma rememoração, garante uma suspensão da ideia corrente de que os “miúdos” sejam adultos a que faltem determinados atributos. Vamos nos aproximar paulatinamente das reflexões do pensador alemão em torno da questão da infância para esclarecer as afirmações anteriores.

Walter Benjamin: da epistemologia da história à problematização do historiador

A epistemologia da história, em Walter Benjamin, se articula a partir de reflexões feitas em diferentes momentos da obra do pensador. Encontrando seu ápice nas célebres Teses sobre o conceito de história (Benjamin, 1985/2008), a problematização da ciência histórica se nutre de uma preocupação com o *status* mítico da relação entre sujeito cognoscente e objeto do conhecimento, expressão da oposição colocada em jogo através da filosofia iluminista. A relação entre sujeito cognoscente e objeto do conhecimento possui um *status* mítico devido ao caráter compulsório da oposição, a que diferentes sistemas filosóficos fizeram menção, sem, no entanto, conseguir superá-la. O pesadelo da oposição se impõe como se sujeito e objeto fossem primados cindidos, origem de todo sentido. Um dos esforços de Walter Benjamin é, seguramente, dissolver a centralidade do sujeito do conhecimento, seja na problematização do conhecimento histórico do século XIX, seja nos estudos acerca da memória e do esquecimento, que se constituem como relampejos, bem identificados em seus comentários sobre Kafka e sobre Proust. Ao criticar a centralidade dos termos sujeito e objeto, Walter Benjamin (1982/2006) sugere o encaminhamento da sua teoria à linguagem, campo de encontro de imagens dialéticas e de dissolução das certezas que fundamentam a concepção de um sujeito originário. Ao voltar-se à linguagem e à interpolação da lembrança no fluxo do que foi vivido e do que advirá, Benjamin (1982/2006) rompe com a

soberania do sujeito do conhecimento, bem como com a obviedade e as certezas do presente ao debruçar-se sobre o fluxo temporal. A preocupação com a oposição empobrecida está presente na inquietação do pensador a respeito de uma inquirição filosófica sobre o estudo do tempo histórico. Neste sentido, a aproximação de Walter Benjamin à literatura de Marcel Proust, ao pensamento de Nietzsche e à filosofia de Henri Bergson garantirá uma série de encaminhamentos ao estudo do tempo histórico. Nos três autores, Benjamin não encontra um modelo, mas formas distintas de posicionamento em relação ao problema ético e teórico colocado pela passagem do tempo e pelo interesse do pensamento em resguardar a abertura estabelecida entre o já dado e o presente. Em Proust, Walter Benjamin – que foi tradutor de Proust para o alemão – reconhece um enorme esforço de resgatar as conexões entre o que já aconteceu com os elementos da vida cotidiana, traduzindo, em termos de vivência pessoal, o próprio problema filosófico que deveria enfrentar na sua concepção de história. Comentando o modo como o texto era composto por Marcel Proust, Benjamin (1985/2008) considera o hábito do escritor em devolver as provas da revisão com material novo, levando Gallimard, seu editor, ao desespero. Segundo Benjamin (1985/2008),

a lei do esquecimento se exercia também no interior da obra. Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. Num outro sentido, é a reminiscência que prescreve, com rigor, o modo de textura. Ou seja, a unidade do texto está apenas no *actus purus* da própria recordação, e não na pessoa do autor, e muito menos na ação. (p. 37)

As conexões entre o já acontecido e o presente encontram uma imagem na obra de Proust. Criticando Bergson por não problematizar o sentido histórico e político da experiência desnaturada das massas civilizadas do século XIX, e nem por dar um estatuto histórico a uma verdadeira experiência, Benjamin (1994) considera que seja preciso esclarecer as condições histórico-políticas que não permitem mais que os fatos exteriores se integrem à nossa experiência. A relação com Nietzsche é evidente em muitos escritos benjaminianos, uma vez que o pensador se dedica a criticar a ciência histórica objetivista e idealista, que aparta o sujeito do conhecimento das tramas históricas que permitem que o passado seja encarado como matéria inerte, como uma facticidade. Os esforços de Benjamin se dirigem à elaboração de uma ciência histórica sustentada na reflexão sobre a natureza da perspectiva que se lança, do presente, ao que já foi

vivido, ao que não se encontra encerrado, visto que o passado pode ser retomado e os apelos dos mortos reenviados ao presente, diluindo a cronologia do progresso e a pretensa neutralidade científica com que se lida com o tempo histórico.

Na perspectiva de uma história materialista, Walter Benjamin requisita uma abordagem ampla da posição do estudioso no campo da história. Sem se restringir ao caráter involuntário da memória ou à busca de uma experiência verdadeira por oposição à experiência “desnaturada” das massas na transição do século XIX ao século XX; ou mesmo, ao se voltar a relação entre o passado e os perigos iminentes do presente, Benjamin (1985/2008) busca elaborar uma visibilidade histórica que investigue linhas de temporalidade rompidas, traços e imagens inacabadas que instituem, provisoriamente, novas relações entre o passado e o presente, que rompem, oportunamente, a transição mecânica de um tempo ao outro. Para tanto, o pensador transitou por campos distintos, mas encontrou na problematização da memória, através da infância, preciosas imagens que esgarçam a centralidade do sujeito do conhecimento, suspendendo as obviedades e as intencionalidades das perguntas colocadas pelo presente, garantindo que o “não fechamento” do sujeito do conhecimento nutra uma abordagem inconclusa a respeito do tempo histórico. É sobre este tema que se assenta a presente discussão, ou seja, sobre o tema dos rastros do passado que, mediante a rememoração, encontram uma provisória feição que busca o “céu da história” (Benjamin, 1985/2008, p. 230). Oportunamente, através de fragmentos de textos do pensador voltados à infância berlinense no século XIX, discutiremos a fecundidade dos excertos para se pensar uma visibilidade crítica na perspectiva histórica materialista. Com isto, teremos uma proposição crítica em torno da infância, objetificada na pedagogia moderna e nos projetos teóricos da moderna psicologia. Considera-se, a partir do legado de Walter Benjamin, que a educação moderna cinde a experiência infantil em duas partes que se complementam. Uma das partes se encontra submetida ao saber psicológico, que define a natureza da infância, e a outra se encontra remetida aos princípios dos projetos educacionais de massa, que buscam formar o cidadão, garantir a moralização dos costumes e a capacitação para o trabalho. A objetificação da infância significa, portanto, a condição de objeto de estudos da experiência da infância, remetida, também, à gestão política no século XIX. O surgimento de livros infantis inspirados pelo iluminismo, por exemplo, significou a defesa de uma separação abrupta entre a infância e outras fases da vida, ao garantir-lhe características arbitrárias e abstratas, já que, na relação com adultos e outras crianças, a experiência não se

confunde com a imagem que foi produzida sobre ela no campo do conhecimento moderno. A polissemia e a polifonia das coisas que não foram escravizadas como mercadorias dialogam com a experiência da infância, que, quando é funcionalizada na pedagogia e na psicologia modernas, deve corresponder a uma estrita cronologia das capacidades cognitivas e da evolução das habilidades. Benjamin (2005) questiona, exatamente, a teleologia das teorias psicológicas do século XIX em relação à infância, por defenderem uma linha crescente de habilidades, que justificaria a necessidade de adultos para poder acompanhar e auxiliar o desenvolvimento de crianças.

Podemos entender, então, que um dos interesses teóricos de Benjamin só possa ser alcançado por intermédio de uma problematização do estatuto do historiador. Como se investiga o tempo histórico? Quem investiga o passado? Aquele que investiga o passado mantém-se o mesmo após constatar o sentido precário de sua observação, de sua própria definição como postado em um ponto neutro da passagem do tempo? Gagnebin (1994) enfatiza que é justamente ao estatuto do narrador que se volta a problematização ética de Walter Benjamin, em que os estudos da obra de Proust permitiram uma precisa crítica ao centralismo do sujeito do conhecimento no campo da história. Walter Benjamin (1985/2008), ao comentar a composição da obra de Marcel Proust, defendeu que há um paroxismo em Proust, com o sacrifício de vida social e de amigos para se cumprir a tarefa de transformação da existência por intermédio da recordação. Pode-se considerar este comentário como um dos subsídios à crítica benjaminiana à soberania do Eu na composição de textos literários e na articulação de um conhecimento histórico comprometido em diluir a evidência ou objetividade do passado. Ao defender uma experiência com o passado e dedicar-se ao comentário sobre a obra de Proust, Benjamin (1985/2008) destaca que se narra, na literatura proustiana, a força da similitude. Tal força permitirá, oportunamente, que Benjamin defina o conhecimento histórico como aquele voltado à identificação de conexões velozes entre Outrora e Agora, que rompem com a continuidade cronológica e exigem um tratamento filosófico do tempo. Conforme Benjamin (1985/2008):

A semelhança entre dois seres, a que estamos habituados e com que nos confrontamos em estado de vigília, é apenas um reflexo impreciso da semelhança mais profunda que reina no mundo dos sonhos, em que os acontecimentos não são nunca idênticos, mas semelhantes, impenetravelmente semelhantes entre si. As crianças conhecem um indício desse mundo, a meia, que tem a estrutura do mundo dos sonhos, quando está enrolada, na gaveta de roupas, e é ao mesmo tempo “bolsa” e “conteúdo”. E, assim como as crianças não

se cansam de transformar, com um só gesto, a bolsa e o que está dentro dela, numa terceira coisa – a meia –, assim também Proust não se cansava de esvaziar com um só gesto o manequim, o Eu, para evocar sempre de novo o terceiro elemento: a imagem, que saciava sua curiosidade, ou sua nostalgia. (pp. 39-40)

Deparar-se com o inacabamento do passado é deparar-se com o caráter fragmentário da memória, requisitando um lugar nobre para a caducidade da lembrança, para o sentido político das narrativas hegemônicas em torno do tempo histórico. Uma ciência histórica assim se nutre da fragilidade do eu. Os estudos históricos em Benjamin se voltam à infância como expressão de um confronto político com aquilo que fora esquecido do passado, com aquilo que não encontrou destinação nas narrativas triunfantes. A epistemologia da história, portanto, se dirige à inquietação com o lugar do historiador, considerado como cronista da história, preocupado com os pequenos e grandes fatos do passado, não retraindo sua força diante da frágil necessidade de manter uma identidade de quem lembra. Elaborar o passado, neste sentido, tem uma função política, ainda de acordo com Gagnebin (2006), uma vez que não se resume a uma sacralização da memória, a uma artificial tentativa de fixar-se no passado, sem estarmos atentos aos apelos da vida e do presente. A lembrança deve se conectar a um exercício ativo de atenção aos vivos (Gagnebin, 2006). Com estas primeiras aproximações ao amplo legado de Walter Benjamin, temos algumas imagens do seu trabalho voltado à história e à memória, aspectos centrais de sua contribuição a uma reconsideração da infância, não pensada mais como fase do desenvolvimento, mas como imagem oportuna de um tratamento das conexões temporais em que o relógio do progresso é interrompido e em que a evidência e a necessidade do presente são questionadas. Com tais contribuições, o próprio modo como pensamos e intervimos sobre a infância sofre consideráveis abalos, como esperamos defender a seguir.

Infância em Walter Benjamin

Inicialmente, é preciso mencionar que, em *Infância em Berlim por volta de 1900*, Benjamin (1987/1993) explora imagens de infância que não se restringem a uma recuperação do “si mesmo”, mas se ampliam como acessos ao que não foi compreendido, ao que foi esquecido, ao que deixou um rastro que indica, no agora de uma cognoscibilidade, uma configuração intempestiva, oportunidade em que se é arrancado do fluxo banal da passagem das horas. A princípio, Walter Benjamin fora convidado para

escrever um ensaio autobiográfico acerca de Berlim para a revista *Literarische Welt*, valorizando as impressões cotidianas e subjetivas de uma criança do início do século XX (Gagnebin, 1994), o que acabou desembocando no trabalho citado no início do presente parágrafo. O trabalho de Benjamin não se limitou a uma recuperação do que foi vivido, mas se dirigiu a uma série de interpolações naquilo que foi, além de uma sutil reflexão sobre o inacabamento do eu. Os mesmos esforços de Benjamin em torno de suas memórias de infância podem ser reconhecidos em seus textos de juventude a respeito da brincadeira e do brinquedo infantis, em que se tratava de uma crítica contundente a dogmas da indústria moderna de brinquedos e à pedagogia iluminista, que retratava que as crianças tinham necessidade de adultos e precisavam ser conduzidas competentemente por mestres e pedagogos. Os textos compostos por Benjamin se nutrem de uma paralisação do fluxo temporal, pois o passado não era constatado, mas versões adormecidas de uma época e de si mesmo tomavam, provisoriamente, a palavra. A escrita de Benjamin é uma proposição imagética, em que a suspensão das horas e das certezas do eu adulto requer uma percepção renovada no agora do texto, no agora de uma nova forma de conhecimento. Tais imagens de paralisação do fluxo temporal se assemelham à narrativa proustiana, em que a “alma” de entes queridos se apropriam, provisoriamente, de alguns objetos, habitando na sensação a que o narrador faz menção na tessitura do escrito. A interrupção do fluxo banal das horas tem um sentido eminentemente estético no texto de Proust, mas assume na discussão benjaminiana uma conotação política, visto que são os vencidos que se destacam na enunciação das reflexões de Benjamin, como se pode apreender da defesa que o pensador faz do encontro secreto marcado entre as gerações precedentes e a nossa (Benjamin, 1985/2008), ou mesmo, do estatuto “minoritário” do olhar das crianças aos objetos e as palavras, consideradas mais como “cavernas” onde é possível esconder-se do que como instrumentos de expressão de conteúdos da consciência. A percepção minoritária das crianças está presente em uma consideração política do inacabamento da infância, numa crítica exaustiva à idealização pedagógica iluminista e, mesmo, à idealização da psicologia do início do século XX, que colonizou de forma contundente a experiência da infância e da juventude. Na obra benjaminiana, parte-se, muito precocemente, de uma crítica à consideração sociológica sobre a infância e a juventude para uma reflexão filosófica na qual a própria noção de experiência como tempo de vida decorrido não deve dissolver a intensidade dos princípios que sustentam o reconhecimento do apelo do espírito (Benjamin, 2005, p. 24).

Na fase da obra de Benjamin dedicada à formulação de uma metafísica da juventude, o pensador já se preocupa com a crítica a uma concepção limitada de experiência, considerada como “máscara”, através da qual os adultos e, principalmente, os pedagogos modernos lidam com a juventude, arrancando-a de seus devaneios e de suas preocupações com sonhos pueris, lidando com a mesma através de uma perspectiva que busca o “eternamente ontem” no hoje. Os textos de juventude de Walter Benjamin são iluminados por sua continuidade de discussões acerca do conceito de experiência, em que se tratará, gradativamente, de se fazer um diagnóstico do tempo presente, de modo a se poder saber a que distância, efetivamente, nos encontramos em relação ao passado, por exemplo, no que diz respeito à rarefação da arte de narrar e, por decorrência, de intercambiar experiências. Os textos de Benjamin sobre infância são uma oportunidade de compreendermos uma parte do sentido histórico do século XIX, garantindo uma perspectiva relativa aos rastros do passado que são objetos de uma “cognoscibilidade” no momento em que se escreve história para si mesmo, ou seja, para o presente. O que se busca alhures? Podemos nos inserir em parte de um dos textos de Benjamin (1987/1993) dedicado a um jogo de predileção do pensador, o jogo das letras:

Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido ... Talvez o que faça tão carregado e prenhe não seja outra coisa que o vestígio de hábitos perdidos, nos quais já não nos poderíamos nos encontrar. (pp. 104-105)

Imediatamente depois, o autor relata a saudade que sente do jogo das letras e o que busca, quando relembra do brinquedo:

A saudade que em mim desperta o jogo das letras prova como foi parte integrante de minha infância. O que busco nele, na verdade, é ela mesma: a infância por inteiro, tal qual a sabia manipular a mão que empurrava as letras no filete, onde se ordenavam como uma palavra. (Benjamin, 1987/1993, pp. 104-105)

O que se busca é a infância por inteiro, apesar do trabalho baldado, uma vez que o autor já aprendera a andar e nunca mais poderá tornar a aprendê-lo. A rememoração e a escritura dos pequenos textos se deparam com a incompletude tanto do passado quanto do presente visado por ele. Não se alimentam de um psicologismo ou de uma concepção de que o passado

tenha sido melhor do que o presente, mas reconhecem a possibilidade de uma suspensão da cronologia, lançando-nos a uma compreensão política do tempo histórico. A saudade do que foi esquecido se remete à incompreensão de algumas palavras e ao espanto instituído pela naturalidade com que, por exemplo, os filhos dos ricos lidavam com os filhos dos pobres na noite de Natal, momento em que Berlim se fantasiava como um presente e os filhos dos pobres vinham para vender objetos que encontravam nas mãos das crianças burguesas um provisório abrigo, nutrido, também, pela vergonha dos adultos em adquirir os objetos das crianças pobres. A escuridão de parte da cidade se contrastava com a luminosidade das casas dos ricos. Claro e escuro se apresentam ao historiador na “agoricidade” do texto, impedindo que a lembrança seja apenas uma recuperação do esquecido, mas uma ampliação de sentido do que se viveu no passado. Trata-se de uma temporalidade distinta daquela que se abriga nos relógios e na linearidade da concepção de história burguesa, que considera a continuidade do tempo e seu encaminhamento ao futuro.

Além da importância da imagem anterior, elaborada a partir de uma atenção do historiador à distância entre o presente e o passado e, mesmo, ao apelo do passado em relação à fraca força messiânica das gerações que se seguem no fluxo da história, é possível considerar a infância de acordo com a perspectiva adotada no comentário de Cláudia Castro (2009) ao texto de Benjamin sobre a arte de caçar borboletas, iluminado pela recuperação da reflexão acerca da mimesis e da brincadeira infantil. No texto que também compõe a obra que é objeto da discussão em curso, Benjamin (1987/1993) lembra os dias em que se dedicava a caçar borboletas, coloridos pela experiência de distensão de si mesmo, oportunidade na qual inseto e menino se diluíam provisoriamente:

Entre nós começava a se impor o antigo estatuto da caça: quanto mais me apegava com todas as fibras ao inseto, quanto mais assumia intimamente a essência da borboleta, tanto ela mais adotava em toda ação o matiz da decisão humana, e, por fim, era como se sua captura fosse o único preço pelo qual minha condição de homem pudesse ser reavida. (p. 81)

Nesta imagem está, provavelmente, em jogo uma expressão do *dever* borboleta no menino e do *dever* menino na borboleta, oportunidade em que o inacabamento da infância nutre a possibilidade de experimentação das fronteiras. Tal inacabamento necessita de um tratamento conceitual, em curso na epistemologia da história e na crítica a uma percepção supra-histórica do fluxo da história. Através da infância, é possível ao pensamento se apropriar dos

rastros do passado, mesmo que a experiência seja irrecuperável, mesmo que seja irrecuperável a própria imagem que tínhamos de nós mesmos. Os rastros do passado nutrem uma perspectiva pedagógica estrangeira aos interesses da pedagogia iluminista, que funcionaliza o brinquedo como objeto de ensinamento e moralização, ao mesmo tempo que psicologiza a relação entre adultos e crianças, restringindo a mesma ao seu sentido doutrinário e cronológico. No entanto, sem deixar de incorrer numa espécie de idealização da infância, Benjamin (2005) busca compreendê-la muito mais próxima da condição de um povo, como se pode depreender de sua discussão sobre velhos brinquedos em um museu em Berlim do início do século XX, momento em que o pensador faz críticas contundentes à representação da infância pelos adultos, à concepção de que as crianças sejam essencialmente ingênuas e passivas e, mesmo, à perspectiva de que os brinquedos produzidos pelos adultos sejam feitos levando-se em conta características subjetivas próprias aos infantes. Ao falar sobre o brincar – “Não há dúvida de que brincar significa sempre libertação” (Benjamin, 2005, p. 85) – o pensador assinala que é sempre na atividade que se institui o brinquedo, liberando-o das preocupações dos adultos filisteus, dando vazão, inclusive, à faceta cruel, grotesca e irascível da natureza infantil. Segundo o próprio pensador, “uma vez extraviada, quebra e consertada, mesmo a boneca mais principesca transforma-se numa eficiente camarada proletária na comuna lúdica das crianças” (Benjamin, 2005, p. 87).

Ao assumir a perspectiva de um “povo” e, no trecho em questão, de uma classe social, a infância se liberta dos interesses pedagógicos doutrinários, confrontando-se ao mundo dos adultos, como o personagem ingênuo se confronta ao mito. A preciosidade do tema da infância – como objeto explícito de alguns dos textos do pensador ou como imagem que expressa o abandono da cronologia do modo de produção maquinico e da ciência histórica objetivista – garante a perspectiva de um estudo cuidadoso do passado, sem retirar o sabor do que é compreendido historicamente. A crítica ao sujeito do conhecimento posicionado de forma supra-histórica em relação às narrativas históricas se realiza, também, através da problematização da memória, esgarçada como função eminentemente privada, já que se mantém na abordagem de alguns confrontos entre o mundo dos adultos e o mundo das crianças, produzindo-se uma espécie de marcas do intérprete que considera a linguagem da passagem do tempo como hieróglifos. Os rastros do passado não reenviam o estudioso ao “puro em si” do que ocorreu alhures, mas são submetidos ao que se deu posteriormente, garantindo, provisoriamente, que se interroge o

si mesmo, que se constitua o si mesmo polissêmico diluído nos escritos que necessitam ser compreendidos como mundos nos quais podemos compreender uma parte do sentido histórico do século XIX, experienciado por uma criança no bojo da burguesia.

Walter Benjamin (2005) faz importantes considerações sobre a brincadeira e a percepção infantil em outros momentos de sua obra, como já foi possível compreender e citar anteriormente. Em textos a respeito de livros e brinquedos feitos para crianças, Benjamin (2005) não se cansou de apontar a tradição iluminista de partir de uma abstração sobre a natureza infantil a fim de justificar planos e procedimentos pedagógicos modernos como um preconceito que se amplia na necessidade de que sejamos inventivos para que as crianças possam ser entretidas. Benjamin (2005) assim considera essa postura em um fragmento de sua discussão já tornada célebre:

É ocioso ficar meditando febrilmente na produção de objetos – material ilustrado, brinquedos ou livros – que seriam apropriados às crianças. Desde o Iluminismo é esta uma das mais rançosas especulações do pedagogo. Em sua unilateralidade, ele não vê que a Terra está repleta dos mais puros e infalsificáveis objetos da atenção infantil. E objetos dos mais específicos. É que crianças são especialmente inclinadas a buscar todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se processa de maneira visível. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou na marcenaria, da atividade do alfaiate ou onde quer que seja. (p. 57)

Através das investigações de Benjamin sobre a infância, forma-se uma importante base de sua concepção materialista da história. A defesa de que a história materialista não se assente em princípios aditivos, e sim construtivos, reserva um espaço considerável para se pensar a natureza da relação do historiador com o tempo histórico. O historiador materialista deve submeter a cronologia dos fatos a uma desconfiança de natureza política, tal como os movimentos sociais e a consciência histórica após a Revolução Francesa, porque não pode identificar-se com as versões hegemônicas que consideram que a “evolução das forças produtivas” e a “perfectibilidade do gênero humano” sejam sinônimos. É preciso, tal como por meio da rememoração, interpor, entre o passado e o presente, os questionamentos que emergem em momentos de grande perigo individual e coletivo, como aquele experimentado e expresso pela geração de Walter Benjamin na primeira metade do século XX. É com este intuito que é possível defender uma ciência histórica, indicando-se o abalo que uma comunicação artesanal pode produzir em uma sociedade já regulada

pela imprensa informativa e pelos interesses de classe divulgados através da mesma.

Em algumas das Teses sobre o conceito de história, o pensador sugere imagens para uma consideração política em torno de uma “elaboração do passado”, contexto em que a crítica à antítese iluminista e historicista – em torno dos termos sujeito e objeto do conhecimento – reencontra os temas tratados em *Infância em Berlim* por volta de 1900. A fulguração de configurações intempestivas cria a possibilidade de uma experiência do passado e não simplesmente um retorno ao passado. Tal como a infância é irrecuperável, o passado não se deixa apreender como hermético. Ao opor à versão hegemônica do passado os apelos anteriormente inaudíveis, a história materialista interrompe o fatalismo historiográfico e deixa-se nutrir por uma problematização do tempo oportuno e não do tempo que devora e que se encaminha ao progresso. Não se pode pensar historicamente sem se levar em conta as catástrofes e as oportunidades de citar um passado oprimido.

A consideração da infância em Walter Benjamin é parte de seu itinerário filosófico e garante uma base preciosa para a crítica ao sujeito do conhecimento representado supra-historicamente em relação aos acontecimentos históricos. Como já foi dito anteriormente, nas Teses sobre o conceito de história, Benjamin (1985/2008) procura elaborar, de forma mais acabada e com fortes expressões de um testemunho filosófico, uma relação com o passado como matéria viva, que contém sementes preciosas, porém insípidas, necessitando que sejam submetidas a uma desconfiança, a um trabalho ético de questionamento dos rumos da história. Interromper o fluxo do tempo, inaugurar de forma viril uma agoricidade ao não se identificar com o superficial acabamento do passado se complementam ao exercício crítico em relação à pedagogia moderna e à indústria de jogos e brinquedos para crianças no século XX. Considerando de forma dialógica e política a relação entre adultos e crianças, Benjamin (2005) faz claramente uma crítica ao idealismo burguês, moral e científico da experiência da infância. Como se vê no fragmento a seguir, trata-se de uma atenção aos rastros de experiências em curso mesmo na percepção infantil, retirada de seu invólucro mítico, em busca de referências sociais que, todavia, não esgotem a polissemia do brincar:

É que, assim como o mundo da percepção infantil está impregnado em toda parte pelos vestígios da geração mais velha, com os quais as crianças se defrontam, assim também ocorre com os seus jogos. É impossível construí-los em um âmbito da fantasia, no país feérico de uma infância ou arte puras. O brinquedo, mesmo quando não imita os instrumentos dos adultos, é

confronto, e, na verdade, não tanto da criança com os adultos, mas destes com a criança. Pois quem senão o adulto fornece primeiramente à criança os seus brinquedos? (Benjamin, 2005, p. 96)

Após a consideração da brincadeira infantil como experiência que forja o brincar, Benjamin (2005) partirá para uma curiosa discussão acerca da repetição e do hábito, incluindo Freud em sua discussão, fugindo do estereótipo da inocência ou da particularidade infantil, dogmas modernos que necessitam de competentes gestões pedagógicas e psicológicas. A infância é um importante objeto histórico para Benjamin, rastros de uma experiência historicamente intercambiável que foi se individualizando modernamente. Para elaborar filosoficamente o passado e a tarefa do historiador materialista, há uma política de escrita e de narratividade em Walter Benjamin. A relativização do si mesmo do biógrafo que se debruça sobre o século XIX é um dos exercícios que permitiram que Walter Benjamin defendesse que o historiador está mais próximo do cronista, do contador de histórias do que do cientista objetivista, que desfila os fatos históricos nos livros, como quem se assenta em um tempo homogêneo e neutro. Para Benjamin (1985/2008),

nenhum fato, meramente por ser causa, é só por isso um fato histórico. Ele se transforma em fato histórico postumamente, graças a acontecimentos que podem estar dele separados por milênios. O historiador consciente disso renuncia a desfiar entre os dedos os acontecimentos, como as contas de um rosário. (p. 232)

A operação em curso nos textos de rememoração do século XIX se renova, indicando que os estudos históricos materialistas não se contentam com a manutenção do *status* do sujeito do conhecimento. Os índices do passado não levam o historiador a um contexto objetivamente afastado dos perigos e das questões colocadas no presente. Recuperar o passado como imagem garante o confronto do pensamento com as filosofias da história hegemônicas na época de composição das Teses. Trata-se, sempre, de uma paralisação do fluxo cronológico, que possui uma raridade política. É objeto da inquietação esta raridade política e não a descrição psicológica dos homens modernos e da ciência histórica em curso na primeira metade do século XX em boa parte da Europa Ocidental. O problema do tempo se coloca desde os textos de juventude de Walter Benjamin e, nas Teses, tal problema é pensado por intermédio da noção de heliotropismo na história, a imagem do passado, a construção de um tempo remetido ao “agora” e a explosão do *continuum* da história.

Para concluir: psicologia, pedagogia e a infância como experiência

A relação entre Psicologia e Pedagogia, no contexto do século XIX, permitiu um importante avanço do saber psicológico e uma reconsideração do estatuto científico da Pedagogia. Com o advento de uma abordagem evolucionista das capacidades intelectuais, muda-se a perspectiva clássica de que o homem adulto seja o modelo a que os projetos de ensino devam se submeter e surge a necessidade institucional e científica de que se acompanhe o desenvolvimento de funções. Warde (2001) considera, em sua abordagem histórica da relação entre Pedagogia e Psicologia modernas, que a perspectiva evolucionista garante uma apropriação da infância e uma reestruturação da experiência educacional. Trata-se de um exemplo caro de como, gradativamente, a infância se torna aquilo que é definido pelo campo do conhecimento científico e pelo saber médico. Conforme Warde (2001):

As ideias evolucionistas provocaram interesse pelo paralelismo entre o desenvolvimento do indivíduo e o da espécie. Na segunda metade do século XIX, inúmeros estudos buscaram o paralelismo entre ontogênese e filogênese, e nesta busca passaram a fazer estudos com as crianças, com os animais, como também com povos primitivos. (p. 327)

Interessante compreender como a experiência educacional se estrutura, modernamente, aliando-se a importantes transformações no próprio modo como pais e filhos passam a se relacionar no interior de suas residências, no caso da experiência burguesa e do futuro projeto de gestão populacional (Foucault, 2001) nas sociedades ocidentais. A especificidade infantil se encaminhará a uma reorganização do cotidiano escolar e, fundamentalmente, a uma reelaboração do vínculo entre adultos e crianças, indicando os riscos da promiscuidade e a necessidade de cuidados morais com a infância. O surgimento de uma experiência familiar densa e autocentrada são efeitos importantes da especificação da infância. Porém, a especificação da infância é expressão de um processo de individualização que oculta sentidos dialógicos da relação entre crianças e adultos e, mesmo, o sentido político das práticas pedagógicas e da moralidade burguesa em torno do corpo infantil. Contemporaneamente, há esforço de diferentes pesquisadores como Solange Jobim e Souza (2003) para articular uma crítica ao conceito moderno de infância que não esteja apartada de uma crítica da cultura e, ao mesmo tempo, que se elaborem saberes provisórios, comprometidos com uma abordagem ética da relação entre adultos e crianças. Mudanças em tecnologias da comunicação se endereçaram a

mudanças em termos da definição do que seja leitura, bem como é possível identificar na cultura de massas a vulgarização do saber psicológico em torno da infância, garantindo uma gestão competente da relação entre adultos e crianças. A Psicologia, sem abrir mão de um diagnóstico de sua emergência moderna como saber e tecnologia, por exemplo, da relação dos indivíduos consigo mesmos e dos adultos com as crianças, pode se aliar ao esforço teórico e ético de aproximação à diversidade de experiências de infância, sem recair na ficção moderna de uma natureza infantil isenta de tempo e de sentido histórico. Neste sentido, reconhecemos a validade das contribuições de Walter Benjamin para a ampliação do campo de estudos sobre a infância na Psicologia em suas diferentes interfaces.

Nos textos sobre a infância escritos por Walter Benjamin, trata-se, em certa medida, de uma problematização dos rastros do século XIX. Os rastros indicam a centralidade dos temas da lembrança e do esquecimento, considerado como uma atividade e não simplesmente como uma deficiência. Da narrativa supostamente autobiográfica, Benjamin sugere a polissemia do “eu”, dialogando com o estatuto imediatamente político das questões que se desenrolam através do reconhecimento do passado. A história é importante para a vida, mas não é impeditiva da ação. A própria obra do pensador não se configura como um *continuum*, já que os próprios textos de juventude são “citados” posteriormente e partes de textos são efetivamente recolocadas em contextos diversos, exercitando o caráter material da escrita, considerada não apenas como instrumento do pensamento. A obra de Benjamin tem sido valiosa para diferentes campos do conhecimento e, para a problematização do passado e das considerações filosóficas sobre a subjetividade, tem trazido subsídios muito importantes para uma reconsideração dos temas da verdade e da memória. Numa época marcada pelo advento de tecnologias da comunicação em que somos impelidos a esquecer, os textos sobre a infância e as Teses sobre o conceito de história nos auxiliam a problematizar o apego aos falsos continuísmos e à barbárie da cronologia do progresso e do caráter residual do passado. O pensamento de Walter Benjamin pode nos auxiliar a pensar a história no contexto da descartabilidade do tempo, advertindo-nos dos riscos de um cultivo do passado ou da fácil saída de um esquecimento febril e alheio aos perigos do nosso tempo. Por isso, talvez seja oportuno lembrar uma importante discussão feita por Benjamin (2005) em um texto de sua juventude:

Há uma concepção de História que, confiando na infinitude do tempo, distingue apenas o ritmo dos homens e das épocas que rápida ou lentamente avançam pela via do progresso. A isso corresponde

a ausência de nexos, a falta de precisão e de rigor na exigência que ela faz ao presente. (p. 31)

É interessante observar que aqui já se encontram altas exigências em relação à investigação histórica, assentada na problematização do tempo e no reconhecimento da exigência que se faz ao presente. Na elaboração da sua obra, algumas abordagens filosóficas acerca do tempo serão apresentadas e criticadas, visto que se tratará de uma consideração política. É com essa perspectiva que o pensador se volta à infância, imagem do que é irrecuperável, mas que relampeja como uma das vias de acesso mais privilegiadas ao passado, devido ao seu inacabamento e ao conjunto de incertezas que lança sobre aquilo que nos tornamos. Um rastro, através do qual, muito brevemente, fazemos menção ao que éramos, garantindo um deslocamento, uma dispersão, onde supúnhamos haver uma definitiva certeza. Trata-se de uma bela inspiração para o tratamento teórico do passado e do tempo em investigações em ciências humanas e, especificamente, no amplo campo da Psicologia. A infância é, para Walter Benjamin, também uma oportunidade de suspensão do tempo cronológico e da centralidade do eu. Não mais uma fase da vida, mas uma fresta que exige uma temporalidade outra, mesmo que breve, em relação ao tempo maquínico, ao tempo dos relógios e do produtivismo contemporâneo.

Referências

- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Benjamin, W. (1993). Infância em Berlim por volta de 1900. In *Rua de mão única* (R. R. Torres F. & J. C. M. Barbosa, Trad., Obras Escolhidas, Vol. 2, pp. 71-143). São Paulo: Brasiliense. (Original publicado em 1987)
- Benjamin, W. (1994). *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense.
- Benjamin, W. (2005). *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Ed. 34.
- Benjamin, W. (2006). *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG. (Original publicado em 1982)
- Benjamin, W. (2008). Teses sobre o conceito de história. In *Magia e técnica, arte e política* (S. P., Rouanet, Trad., Obras Escolhidas, Vol. 1, pp. 222-234). São Paulo: Brasiliense. (Original publicado em 1985)
- Castro, C. M. (2009). A arte de caçar borboletas. In S. J. Souza & S. Kramer (Orgs.), *Política, cidade, educação: itinerários de Walter Benjamin* (pp. 205-218). Rio de Janeiro: Contraponto.
- Couto, M. (2009). *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Foucault, M. (2001). *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes.
- Gagnebin, J. M. (1994). *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva.
- Gagnebin, J. M. (2006). *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: 34.
- Heywood, C. (2004). *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre: Artmed.

Souza, S. J. (2003). *Educação e pós-modernidade: ficções científicas e crônicas do cotidiano*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
Warde, M. J. (2001). Para uma história disciplinar: psicologia, criança e pedagogia. In M. C. de Freitas (Org.), *História social da infância no Brasil* (pp. 311-333). São Paulo: Cortez.

Submissão em: 07/01/2013

Revisão em: 12/09/2013

Aceite em: 18/10/2013

Marcelo Santana Ferreira é professor Associado I do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Departamento de Psicologia da UFF. Mestre e Doutor em Psicologia pela PUC/RJ. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFF, Niterói/RJ. Editor de *Fractal: Revista de Psicologia*.
Endereço para correspondência: Rua Doutor Arthur Tibau, número 40, São Domingos, Niterói, RJ, Brasil.
CEP 24210160.

E-mail: mars.ferreira@yahoo.com.br